



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

LINDIONARA HENRIQUE DA COSTA

**O CONTO DE FADAS REVISITADO: O DIÁLOGO ENTRE O CLÁSSICO E
A MODERNIDADE**

**GUARABIRA
2018**

LINDIONARA HENRIQUE DA COSTA

**O CONTO DE FADAS REVISITADO: O DIÁLOGO ENTRE O CLÁSSICO E A
MODERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Letras habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Rosângela
Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837c Costa, Lindionara Henrique da.
O conto de fadas revisitado: [manuscrito] : o diálogo entre o clássico e a modernidade / Lindionara Henrique da Costa. - 2018.
19 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura Infantil. 2. Contos de Fadas. 3. Releitura.
21. ed. CDD 801.95

LINDIONARA HENRIQUE DA COSTA

O CONTO DE FADAS REVISITADO: O DIÁLOGO ENTRE O CLÁSSICO E A
MODERNIDADE

Artigo apresentado ao curso de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovado em 15 / 06 / 2018.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva
Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba

Maria Neni de Freitas
Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

Caio Antônio Nobrega
Prof. Ms. Caio Antônio Nobrega (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba

A Deus, pois foi com sua graça que consegui, chegar até aqui. A minha mãe e ao meu namorado, pela dedicação e companheirismo. E à minha orientadora, Profa. Dra. Rosângela Araújo da Silva, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero agradecer a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

A minha família, em especial a minha mãe Lindalva Henrique por tudo que ela representa em minha vida. Aos professores, não somente do Curso de Graduação em Letras, mas de forma geral, que no decorrer dos meus estudos compartilharam suas experiências.

A professora e orientadora, Rosângela Neres Araújo da Silva, pelas leituras sugeridas, pois foi a partir delas que pude conhecer esse universo maravilhoso dos contos de fadas, e por toda a dedicação.

A todos os funcionários da UEPB, em especial aos que formam a Coordenação de Letras, pela presteza e atendimentos quando necessitei.

Por fim, aos meus amigos e colegas de classe que sempre me incentivaram, nos momentos mais difíceis dessa vida acadêmica e assim a amizade, o apoio foram fundamentais para que eu pudesse prosseguir.

"Fenômeno visceralmente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana."

Nelly Novaes Coelho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 LITERATURA INFANTIL: ORIGEM E DEFINIÇÕES.....	10
2 O CONTOS DE FADAS: DO CLÁSSICO À MODERNIDADE.....	12
3 REVISITANDO “CHAPEUZINHO VERMELHO”: UM DIÁLOGO POSSÍVEL.....	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

O CONTO DE FADAS REVISITADO: UM DIÁLOGO ENTRE O CLÁSSICO E A MODERNIDADE

COSTA, Lindionara Henrique da¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar duas leituras dos contos de fadas “Chapeuzinho Vermelho”, na versão clássica dos Irmãos Grimm e na versão contemporânea de Orlando de Miranda “Chapéu Vermelho II – as bocas do lobo”. Vemos que para adequar-se a atualidade, os contos modificam os significados, apresentando um processo de intertextualidade entre o conto clássico e o moderno. Essa ressignificação nos leva a alguns questionamentos, sobretudo relacionados à manutenção do diálogo com o clássico. Desse modo, fundamentamos nosso estudo nas pesquisas de Cademartori (2006), Coelho (2000), Cunha (2003), dentre outros estudiosos que dialogam com o gênero literário e as releituras dos contos de fadas.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contos de Fadas. Releitura.

INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil está relacionada com a arte, pois irá apresentar o mundo através das experiências vivenciadas no cotidiano, por meio do processo criativo. “Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização” (COELHO, 2000, p. 27). Assim, não poderemos chegar a uma verdade única, ou absoluta, pois a literatura é viva e mutável, tendo em vista que, não existirá definições exatas a seu respeito.

Assim, os contos de fadas assumem um papel importante para o processo educativo, pois eles irão apresentar novas sensações referentes a esse universo mágico, cheio de encantos, possibilidades, aventuras e curiosidades. Em se tratando da importância da literatura na vida humana, Coelho (2000) afirma que:

Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores

¹ Graduanda em Letras - Português, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva. E-mail: lindydacosta95@outlook.com

ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...). (Coelho, 2000, p. 27-28).

Nesse contexto, veremos que a literatura ao longo dos anos foi sofrendo alterações, para poder adequar-se ao público infantil e assim é importante conhecermos esses aspectos, pois iremos entender qual é o verdadeiro significado por trás de cada texto e sua relevância na vida das crianças.

De acordo com Bettelheim (2007, p. 27)

Para atingir integralmente suas propensões consoladoras, seus significados simbólicos e, acima de tudo seus significados interpessoais, o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido. Se ele é lido, deve-se ser lido com um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar para ela. Contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade.

Vemos que para atingir seu objetivo a história infantil teria que ser contada, ao invés de lida, pois as crianças precisam sentir todas as emoções que envolvem a narrativa, de forma ativa e participativa e como a leitura é mais solitária, essas emoções acabam ficando implícitas. De acordo com os conceitos referentes ao conto de fadas e seu processo significativo na literatura infantil, esta pesquisa fará duas leituras de "Chapeuzinho Vermelho", na versão clássica dos Irmãos Grimm, a qual foi publicada em 1872 e na versão moderna, de Orlando de Miranda, publicada em 1993, na coletânea "As sete faces do conto de fadas".

Neste trabalho foi desenvolvida uma análise qualitativa, pois houve uma comparação entre os dois textos para que pudesse existir uma reconstrução do conto clássico, vinculando-se aspectos da modernidade. Utilizaremos os estudos de Cunha (2003), Cademartori (2006), Coelho (2000), dentre outros para fundamentar o diálogo entre os textos, em suas épocas de construção.

1 LITERATURA INFANTIL: ORIGEM E DEFINIÇÕES

A literatura infantil tem como princípio contos aclamados pelo público infantil e por ter vencido tantos testes de aceitação, se tornaram um ponto referencial em relação a construção do texto vinculado à criança. Os primeiros contos da literatura infantil referem-se ao seu adaptador, o francês Charles Perrault, no século XVII. Seus contos de fadas foram extraídos da tradição oral e adaptados para os temas

vigentes na época. Aos temas, ainda foram acrescentados aspectos pedagógicos, pois como a função da literatura havia se modificado, viu-se no texto um caminho para a educação das crianças.

A coleção dos textos de Perrault constitui-se em um dos textos mais célebres da literatura Francesa e, também, um dos textos mais referidos e menos comentados pela crítica literária, quer na sua dimensão de arte, quer como documento. (CADEMARTORI, 2006, p. 34).

No século XIX, o aspecto pedagógico foi minimizado para dar lugar ao efeito estético dos contos. Uma nova coleta de contos populares é realizada em diversos países, e as obras literárias infantis tornam-se o resultado do trabalho de importantes autores: na Alemanha, os irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel); na Dinamarca, Hans Christian Andersen (O Patinho Feio, A Roupas Nova do imperador); na Itália, Codolli (Pinóquio); na Inglaterra, Lewis Carroll (Alice no País das Maravilhas); nos Estados Unidos, Frank Baum (O Mágico de Oz); na Escócia, James Barrie (Peter Pan), integram alguns dos escritores que desenvolveram histórias para o gênero infantil.

Seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por um certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica. (CADEMARTORI, 2006, p. 36).

No Brasil, é do escritor Monteiro Lobato o mérito de ter iniciado a literatura para crianças e jovens. A ênfase está na importância da obra do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que apresentava um espaço rural e promovia a interação entre as crianças, os adultos e os personagens do imaginário folclórico.

O grande desafio das personagens é o conhecimento, visto que a moralidade tradicional é desfeita e assim o grande valor será a esperteza: "Aprendi o grande segredo da vida dos homens: a esperteza. Ser esperto é tudo." (CADEMARTORI, 2006, p. 52).

As personagens seguem uma linha de raciocínio na qual a liberdade é o diferencial. Visto que este é o grande segredo de toda repercussão do sítio, ou seja, a liberdade e a formação criativa de seus indivíduos: "O mal reside a ignorância, no subdesenvolvimento, no pensamento encarcerado em valores absolutos." (CADEMARTORI, 2006, p. 52).

Pós Monteiro Lobato, há toda uma geração de escritores envolvidos nas transformações pelas que passaram o gênero literário infantil, e o mercado de livros no Brasil tem oferecido produções de boa qualidade para diferentes faixas etárias, com diversas linguagens e apelo visual.

Assim, escritores como Sylvia Orthof, Chico Buarque de Holanda, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Sérgio Caparelli e Lygia Bojunga Nunes são alguns dos nomes representativos na área da literatura infantojuvenil, construindo textos que contemplam todos os gêneros literários (narrativos, poéticos e dramáticos) e os mais diversos temas relacionados à infância e à juventude: o medo, a representação da infância, os desejos e anseios da adolescência, as questões familiares, os problemas sociais.

2 O CONTOS DE FADAS: DO CLÁSSICO À MODERNIDADE

Sabemos que a origem dos contos de fadas é algo milenar, tendo em vista que são histórias muito antigas, as quais foram sendo repassadas ao longo dos anos, através da oralidade e que no princípio não se destinavam ao público infantil.

Coelho (2003) afirma que os contos de fadas são de origem celta e que inicialmente apareceram como poemas, e assim vemos que o fato de os contos se perpetuarem ao longo das gerações está vinculado a sua temática, pois eles abordam sabedorias popular, tendo como reflexos situações vivenciadas no nosso cotidiano e relatando questões históricas, sociais e culturais. Sendo assim, antes mesmo do processo da escrita os povos primitivos já recebiam o aprendizado, pois os contos eram repassados através da fala.

Podemos perceber que na atualidade o papel dos contos de fadas irá proporcionar a criança um novo conceito sobre a forma e ver o mundo e assim irão embarcar nesse universo misterioso e atrativo a cada nova narrativa da fantasia e assim aguçando o processo imaginário.

Cunha (2003) observa, na construção do conto, as características que mantém a narrativa dentro interessante do contexto da infância e juventude:

É importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (flashback) ou cenas paralelas, sem fluxos de consciência". Os recursos narrativos mais adequados às crianças

costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predominam a interação de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante.

Existe uma grande preocupação em torno dos gêneros narrativos, que é adequar as obras literárias ao desenvolvimento cognitivo da criança e do jovem. Sendo assim, observam-se três fases relacionadas à categorização do texto narrativo: a do mito, posteriormente a do conhecimento da realidade e por fim, a do pensamento racional.

Na fase do mito, existirá um forte interesse pela fantasia e a imaginação, pois não existirá diferenças entre a realidade e a fantasia. Entre os gêneros escolhidos estão os contos de fadas, as lendas e os mitos; na fase do conhecimento da realidade, existirá a valorização do herói e o reflexo na luta para poder vencer dificuldades. Os textos escolhidos agrupam o romance de aventura e o relato histórico e mitológico; na fase do pensamento racional, surgem os temas que antes eram excluídos por serem considerados impróprios tais como: a morte, questões ecológicas e políticas, e os problemas sociais (CUNHA, 2003, p. 100).

Mesmo em detrimento da existência dessas fases o que importa é que a criança ou o jovem sintam-se livre e seguro para escolher os livros com os quais mais se identifica.

3 REVISITANDO “CHAPEUZINHO VERMELHO”: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Vale ressaltar que os contos de fadas colaboram para um crescimento e construção da identidade tanto do público infantil como dos adultos, mesmo que em perspectivas diferentes. Tendo em vista que essas histórias são primordiais para o processo evolutivo das crianças, elas desenvolvem sua identidade e comunicação

Nesse sentido, Bettelheim (2007, p. 32) afirma:

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas somente se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais não se adquire verdadeira identidade.

A partir das duas leituras de “Chapeuzinho Vermelho”, na versão dos Irmãos Grimm, e na versão de Orlando de Miranda, “Chapéu Vermelho II - as bocas do lobo”, iremos contemplar as aproximações e diferenças que os textos apresentam, apontando sua importância para o universo infantojuvenil.

A “Chapeuzinho Vermelho” dos Grimm (literalmente gorrinho vermelho), narra a história de uma garotinha cativante, a qual todos adoravam. Mas, diante de todas as pessoas, quem mais a amava era a sua avó, e tudo que tinha dava a menina. Certa vez lhe deu um gorrinho de veludo vermelho, o qual ela ficou tão linda que não queria deixar de usá-lo e então passou a ser chamada de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, a mãe de Chapeuzinho Vermelho pede que a garotinha leve mantimentos para sua avó. E então, Chapeuzinho Vermelho prometeu obedecer as ordens de sua mãe e não entrar na floresta, pois era perigoso. Mas como o caminho era distante ela foi avistada pelo lobo, o qual tratou logo de entretê-la, mostrando algumas flores e fazendo-lhe perguntas, e como a menina era ingênua não teve medo daquele animal feroz.

E assim disse que estava indo para a casa da sua avó, e o lobo esperto correu e chegando lá, devorou a velhinha. Quando Chapeuzinho apareceu, estranhou o jeito que sua avó estava, e começa a fazer perguntas: “Ó avó, que orelhas grandes você tem!” E o lobo responde: - “É para melhor te escutar!” E assim continua: - “Ó avó, que olhos grandes você tem!” E o lobo diz: É para melhor te enxergar!” Mas a garota continua insistindo: “Ó avó que mãos grandes você tem!” E o lobo novamente fala: “É para melhor te agarrar!” E por fim, a menina pergunta: “Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!” E o lobo enfurecidamente responde: “É para melhor te comer!”

Assim o lobo a devora, mas por sorte ia passando um caçador, o qual escutou os roncões do lobo, pensando que seria de uma velhinha em apuros, porém quando entrou na casa viu o lobo e ia atirar, só que desistiu já que, o lobo deveria ter comido a avó e sendo assim, ele poderia salvá-la e foi o que ele fez, pegou a tesoura abriu a barriga do lobo adormecido, aos poucos ele avistou um gorro vermelho e a menina apavorada surge, posteriormente a vovó também.

Chapeuzinho Vermelho rapidamente coloca pedras na barriga do animal, o que o leva a morte. Todos ficarão felizes e Chapeuzinho Vermelho disse consigo “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir”.

Na versão de Orlando de Miranda, Chapéu Vermelho II – as bocas do lobo, um dos contos apresentados na coletânea “As sete faces do conto de fadas”, publicado em 1993, os acontecimentos se passam na grande cidade de São Paulo, onde morava a jovem Magali, sua avó, e sua mãe Dona Zenóbia, a qual era cabeleireira e por ter uma vida conturbada, não podia sair do salão e como a avó de Magali precisava tomar remédios, pediu para a jovem levá-los numa localidade distante da cidade.

Magali, era uma adolescente e como muitos jovens tinha características independentes, rebeldes, e preferia sair com os amigos a levar os remédios da avó.

- Mas, mãe – Magali começava a resmungar - eu tinha combinado de encontrar a Claudinha na lanchonete. – Não vai dar. Sua avó telefonou avisando que o remédio acabou. – Não dá para levar amanhã? - Não dá. Ela já tomou o último comprimido – dona Zenóbia recolocou o calçado -, e sem o remédio ela fica nervosa e não dorme. – Eu não sei por que... – Magali começou a frase, mas distraiu-se assistindo a um anúncio de desodorante; depois recomeçou: - Eu não sei por que ela não pode guardar essa porcaria de remédio lá no apartamento dela. – Você sabe muito bem – a mãe ergueu-se exasperadamente -, ela está velhinha, e o remédio é perigoso. De repente ela esquece... – Então, deixa ela ficar uma noite sem dormir – Magali gesticulou mostrando que isso não lhe importava nem um pouquinho. – Diz para ela ficar vendo Sessão Coruja. (MIRANDA, 1993, p. 32-33).

Podemos perceber que a menina mostra-se indiferente, pois em nenhum momento se preocupa com a avó, dando pouca atenção a dona Zenóbia. Mas, não houve outra alternativa e Magali aceita levar os remédios de sua avó. Sua mãe caminha em direção ao salão dando-lhe um conselho, pedindo que pegue o ônibus que a deixará na porta da casa de sua avó. Vemos que alguns aspectos assemelham-se com o texto original, pois dona Zenóbia apresenta um caminho a ser seguido, igualmente como a mãe de Chapeuzinho Vermelho.

Magali, assim como a Chapeuzinho, segue o caminho mais curto. Neste momento da narrativa, ocorre uma recuperação do conto tradicional, articulando-se com aspectos da modernidade.

- Lobo idiota! – Magali gritou para o guarda-roupa ainda aberto - , colocar as roupas da vovó, tropeçar na camisola e deixar-se matar pelo lenhador. Lembrar-se do lobo irritava Magali. Fazia-a sentir-se como uma menininha boba que até então acreditava no final da história: depois da morte do lobo todos viveram felizes para sempre. Pois sim! Que engano! Que mentira! O lobo era um *Lupus falantis*, espécie ameaçada de extinção, e ao saber de sua morte a Liga dos Direitos da Fauna fizera um escândalo. Os jornais falaram de um “massacre a machadadas”, a floresta encheria de repórteres,

e durante semanas o assunto permaneceu no noticiário do Jornal Nacional. (MIRANDA, 1993, p. 34).

E já no ônibus, aparece um rapaz que pergunta se a garota quer companhia, a jovem o analisa e percebe que ele é só um pouco mais velho do que ela e assim diz, mesmo que eu estivesse não escolheria uma criança. O rapaz ficou chateado e Magali controlou o próprio riso. “Estava entrando na floresta, mas aqueles eram apenas os pequenos pássaros, que podia espantar com um gesto, fazer voar longe com uma palavra”. (MIRANDA, 1993, p. 38). Esse era apenas um pequeno perigo que lhe parecia inofensivo, não era ainda a grande emoção de sua empreitada.

Estava excitada e curiosa com a aventura de brincar de mulher, com o perigo de cruzar sozinha o quarteirão do sexo. Será que os homens a achariam sensual? Que é que iam dizer para ela? – O lobo! – murmurou para si mesma -, quero ver o que dirá o lobo. (MIRANDA, 1993, p. 39).

Caminhando no bairro do Arouche a personagem inicia sua trajetória, tentando parecer mais velha força o andar, mexendo os quadris. Posteriormente os carros passam lentos e Magali atravessa obedecendo os sinais, de repente para numa vitrine de perfumaria. “Strip- tease”, “Lindas garotas” - leu Magali -, “Sexo ao vivo”. (MIRANDA, 1993, p. 40). Sentindo-se aflita, pois aquele ambiente não fazia parte do seu cotidiano e sendo assim, não demorou muito e continuou caminhando, mas por onde passava percebia os olhares daqueles homens que mais lhe pareciam caçadores e ela por obra do destino portava-se como a caça: “Começava a arrepender-se de ter tomado aquele caminho”. (MIRANDA, 1993, p. 40).

Mas adiante, ao ser salva de um assalto por duas prostitutas, Magali sabia que aquelas mulheres eram apenas as raposas, faltava-lhe o lobo. Continuando a caminhar, chega à Rua da Consolação, e atordoada entra num bar, senta-se em um tamborete e de repente o lobo aparece. Porém, o lobo diferentemente do apresentado no conto tradicional não é um animal feroz de aparência monstruosa, mas sim um rapaz bonito, elegante que tinha como artimanha envolver as mocinhas no seu jogo de sedução.

A conversa de Magali com o Lobo terá aspectos semelhantes à do conto clássico, mas quem pergunta agora é o Lobo e a Magali é quem responde. A voz intensa de Lobo parece hipnotizar a menina.

Magali continuava paralisada fitando-lhe a face. Lobo percebeu e a encarou também, firmemente. – Que olhos grandes você tem garota. – É para ver melhor – respondeu Magali automaticamente. – É que narizinho tão lindo... – É para sentir o perfume. – E as orelhas, que encanto... – Para escutar melhor – Magali seguia o ritual. – E o corpo? Lobo recuou dois passos para examinar melhor. – E que pernas você tem. Menina... (MIRANDA, 1993, p. 43).

Mas, de repente, a jovem desperta, finaliza a conversa com o Lobo, pois percebe quais são as suas intenções. Ele vê remédios na bolsa de Magali: “Fique comigo. Eu vou te arrumar coisa mais forte” (MIRANDA, 1993, p.43). Compreende-se que por ser mau-caráter e audacioso o Lobo tenta persuadir a garota, assim como já fez com muitas, a entrar no mundo das drogas, situação típica da vida noturna das grandes cidades. Sendo assim, ao perceber que não tratava-se de uma aventura misteriosa, a qual tanto desejou, a garota viu-se perdida no medo.

Chegando próximo ao prédio da avó, olhava a todo instante para ver se via ou ouvia alguma coisa, mas não conseguiu escutar nada e tocou a campainha; a vovó abriu a porta, estranhando as roupas da jovem. Lobo, então, surpreende ambas.

E ali estava o lobo, o perfil bem nítido destacando-se contra o escuro corredor. – Mas o que é isso? – a avó tentou protestar. – Cala a boca velha! – Lobo cortou rude e ameaçador. – Ou te deixo trancada no armário (...) O sorriso do Lobo se apagou, suas mãos se ergueram como para se proteger. Seu Machado, o investigador, entrava pela porta ainda aberta empunhando um grande revólver (...) – Não me bate! – Lobo se encolheu, virou-se para a parede -, senão eu conto tudo na delegacia. – Delegacia? – a mão de Machado apareceu com algemas, prendendo nas costas os braços do Lobo. – Teu caso, vagabundo, não é mais de delegacia. (MIRANDA, 1993, p. 45-46).

Enfim, livre dos perigos, a jovem Magali entrega os remédios para vovó, que chama um táxi, e Magali volta a salvo para casa. Não tivera mais notícias nem do Lobo, nem do seu Machado.

Às vezes, quando a campainha toca ou um desconhecido aparece à distância, pensam que pode ser o lobo de volta, ou então um delegado investigando, querendo saber de sua morte. E a história termina. Em São Paulo, floresta imensa, cheia de árvores misteriosas, pássaros e pequenos animais, moram Chapeuzinho Vermelho e sua avozinha. E assim viverão, sobressaltadas para sempre. (MIRANDA, 1999, p. 47)

Na obra “Chapéu Vermelho II - as bocas do lobo” de Orlando de Miranda, percebemos a existência de elementos da atualidade e perigos outros, diferentes do conto tradicional. O ensinamento continua o mesmo, que se deve obedecer aos

adultos. Magali tem as características típicas dos jovens de hoje, pois é curiosa, interessada nas descobertas e novas experiências.

O conto também levanta temas aos quais os jovens estão imersos: exploração sexual, drogas, os perigos das grandes cidades para quem ainda não sabe se defender. Se os Irmãos Grimm apontavam o perigo para as crianças, para os jovens percebemos que os perigos continuam os mesmos e até se intensificaram.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, a Literatura Infantojuvenil está relacionada ao imaginário e os contos, os quais foram sendo repassados por meio da oralidade, e assim estão presentes até hoje em nossas vidas, pois refletem características significativas a respeito das temáticas abordadas e perpassam os anos se adequando ao nosso cotidiano e contexto.

Tendo em vista essa mudança do conto de fadas ao longo do tempo, o referente artigo procedeu as leituras de “Chapeuzinho Vermelho”, dos Irmãos Grimm e “Chapéu Vermelho II – as bocas do lobo”, de Orlando de Miranda. Vimos que o conto moderno assimila os temas e contextos da atualidade, mas ainda dialoga com o conto de fadas tradicional.

Vemos que apesar do conto ter sido adaptado, alguns aspectos permaneceram referentes a versão clássica, pois o objetivo das releituras não se trata de excluir os contos tradicionais, mas de adaptá-los para outros contextos e incluir neles as temáticas do nosso cotidiano.

Assim, concordamos com Bettelheim (2002), quando observa que:

O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos, não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. (BETTELHEIN, 2002, p. 12).

Por fim, podemos constatar que o maior prazer não há do que perceber que as releituras ou novas versões dos contos de fadas fazem prevalecer o significado do texto literário para a infância e ainda fazem coexistir, no contexto da atualidade, mais de uma forma de ressignificar as histórias do imaginário.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. Coleção Primeiros Passos São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria Análise Didática**- 1. ed – São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

MIRANDA, de Orlando. Chapéu Vermelho II – as bocas do lobo. In: TELLES, Carlos Queiroz. **Sete faces do conto de fadas**. São Paulo: Moderna, 1993.